

INFLUÊNCIA DA CULTURA E DA IDENTIDADE NA OCUPAÇÃO TERRITORIAL

Análise da paisagem do Farol de Santa Marta (SC-BR)

INFLUENCE OF CULTURE AND IDENTITY ON TERRITORIAL OCCUPATION

Analysis of the landscape of Santa Marta Lighthouse (SC-BR)

Adriane Moraes

*PósARQ, Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
adrianeasmoraes@gmail.com*

RESUMO

Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre a influência da cultura e da identidade no processo histórico e na evolução da ocupação territorial, em uma determinada comunidade de pescadores, na cidade de Laguna/SC, denominada Farol de Santa Marta, por meio de pesquisa qualitativa, hipotético-dedutiva, e de registros bibliográficos, documentais e iconográficos. Ademais, busca-se identificar a relação entre as modificações que esse espaço urbano experimentou ao longo dos anos, decorrente de uma posse desordenada do território, bem como a influência do turismo na paisagem e no Farol enquanto patrimônio. A partir de tais exames, constatou-se que a ocupação indiscriminada não é consequência de uma espontaneidade, mas sim de uma intenção proveniente das primeiras populações, que assim teriam agido por conveniência e por escolha na definição do sítio e na forma de dispor as casas ao redor do Farol, tendo em vista seus interesses socioculturais e econômicos.

Palavras-chave: cultura, identidade, ocupação territorial, Farol de Santa Marta.

Linha de Investigação: 2. Cidade e Ambiente **Bloque Temático:** Patrimônio e paisagem cultural.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the influence of culture and identity on the historical process and the evolution of territorial occupation, in a given community of fishermen, in the city of Laguna/SC, called Santa Marta Lighthouse, through qualitative, hypothetical-deductive research, and bibliographic, documentary and iconographic records. Moreover, it seeks to identify the relationship between the changes that this urban space has experienced over the years, resulting from a disorderly possession of the territory, as well as the influence of tourism on the landscape and lighthouse as heritage. From such examinations, it was found that indiscriminate occupation is not a consequence of spontaneity, but rather an intention from the first populations, which would have acted by convenience and by choice in the definition of the site and in the way of dispose of the houses around the Lighthouse, in view of their sociocultural and economic interests.

Keywords: culture, identity, territorial occupation, Santa Marta Lighthouse.

Thematic clusters: 2: City and Environment. **Topic:** Heritage and cultural landscape.

Introdução

Este artigo pretende fazer uma reflexão sobre a influência da cultura e da identidade no processo histórico e na evolução territorial, em uma determinada comunidade de pescadores, o Farol de Santa Marta, pertencente à cidade de Laguna, situada no litoral sul do estado de Santa Catarina (figura 01). O município possui reconhecida relevância histórica e é formado por uma mescla de paisagens: o patrimônio cultural e natural de características litorâneas, expressas pela fauna, flora, praias, promontórios, dunas, restingas, lagoas, sítios arqueológicos, comunidades pesqueiras tradicionais, pequenas propriedades rurais e aglomerados urbanos, conforme exposto por Cittadin (2010). Toda a história da cidade tem relação com as águas. Será possível entender, por meio de um relato histórico, como ocorreu o descobrimento dessas terras, bem como a sua importância a nível nacional e internacional, principalmente durante o período das navegações.



Fig. 01 Laguna e Farol de Santa Marta. Fonte: Elaborado pela autora.

Essa comunidade de pescadores se encontra isolada do centro da cidade (figura 01 e 02), porém, ainda assim é um dos principais pontos de atração turística da região, por possuir grande relevância histórica, natural e cultural: nela encontra-se um dos maiores sambaquis do mundo, segundo Martins (1997); é pertencente à Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca; tem o segundo maior farol do mundo em alcance – o primeiro das Américas; além de ainda manter vivos muitos dos costumes dos antepassados, como por exemplo a pesca artesanal, as crenças e a comida tradicional. Contudo, há alguns anos o lugar vem sofrendo uma grande degradação de suas riquezas culturais e naturais, posto que a ocupação territorial tem se dado, em sua maioria, de maneira incontrolada.



Fig. 02 Farol de Santa Marta visto de cima. Fonte: <http://sosfaroldesantamarta.blogspot.com/2010/04/>.

Além da evolução histórica, pretende-se analisar a paisagem local a partir de fotografias e pinturas (figura 03). E, por meio delas, entender como os povos de sambaqui e a cultura açoriana podem ter influenciado no processo de ocupação territorial e nas modificações ocorridas no espaço urbano ao longo dos anos, bem como avaliar a influência do turismo na paisagem e no Farol enquanto patrimônio. Até então, considerava-se a hipótese de que a referida desordem espacial teria sido promovida de forma espontânea e aleatória, ou seja, sem planejamento. Contudo, nesse artigo, questiona-se sobre eventual conveniência por parte dos primeiros moradores na forma de dispor as casas ao redor do Farol, assim como na escolha do sítio no qual decidiram fixar-se, “como um preceito regular de adequação e conveniência” (Bastos, 2014: 37).

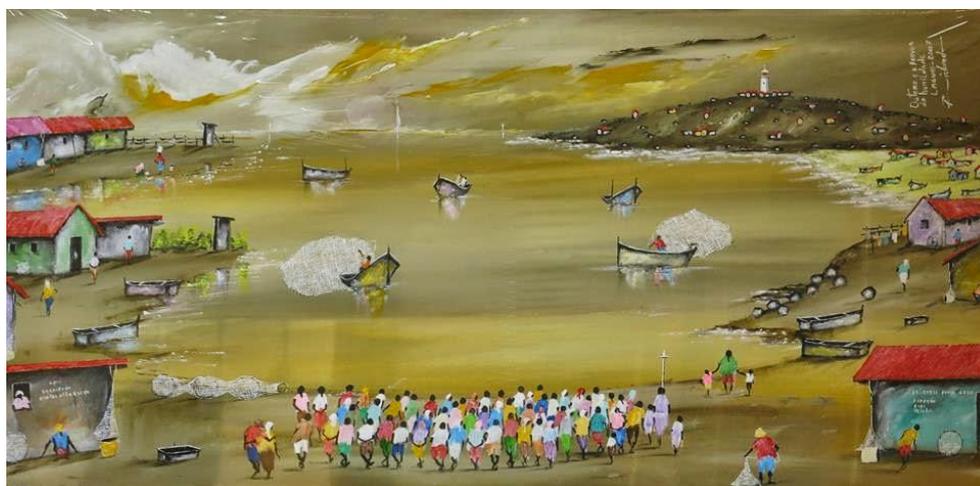


Fig. 03 Farol de Santa Marta representado por Chachá. Fonte: Instituto Cultural Chachá.

1. Ocupação territorial no Farol de Santa Marta

No período anterior à colonização, Laguna não era uma região despovoada. Havia, segundo Rohr (1976), a presença de duas nações indígenas: os carijós, pertencentes ao tupi-guarani, que ocupavam o litoral, e os Caingang ou Gê, que apareciam esporadicamente, pois estes eram mais presentes no planalto catarinense. Além dos índios, também é possível afirmar a presença dos povos de sambaqui. Há, inclusive, conjunto de sítios arqueológicos que indicam formações datadas há cerca de sete mil anos, segundo Scofano (2012). Os povos de sambaquis também passaram pelo Cabo do Farol de Santa Marta e deixaram um pouco do seu legado (figura 04).



Fig. 04 Sambaquis Cabo de Santa Marta I e II. Fonte: Acervo próprio (2020 e 2019).

Hoje, pertence ao estado de Santa Catarina, mas segundo Farias (1998), antes mesmo do descobrimento do Brasil, Laguna já fazia parte da história ocidental dos grandes descobrimentos marítimos da Idade Moderna, a última cidade ao Sul a delimitar o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 (figura 05). Representava para os portugueses a principal base de apoio, por estar localizada em um ponto estratégico, o último ancoradouro seguro para as tropas militares portuguesas que se locomoviam para o extremo sul (Lucena, 1998). O objetivo da coroa Portuguesa era a fundação da colônia de Sacramento, às margens do Rio da Prata.

Inicialmente chamada de Santo Antônio dos Anjos da Laguna, a cidade foi fundada em 1676 (Ulyseia, 1946) e a sua elevação à categoria de vila deu-se em 1714. No início do século XVII, a vila foi povoada por casais paulistas; alguns anos depois, entre 1748 e 1756, cerca de seis mil moradores das Ilhas dos Açores também foram transportados ao litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Martins, 1997), conforme mostra figura 05, firmando assim a base militar e a posse portuguesa em tais territórios, que serviriam de suporte aos homens que estavam na disputa pela colônia de Sacramento.

Dentre os açorianos que recém haviam chegado nessas terras, aproximadamente 40 casais foram orientados a ocupar a região entre Passagem da Barra, Farol de Santa Marta, Garopaba do Sul e Campos Verdes. Logo, conclui-se que as famílias pertencentes a todo esse Complexo Lagunarsão descendentes desses primeiros colonizadores (Martins, 1997).

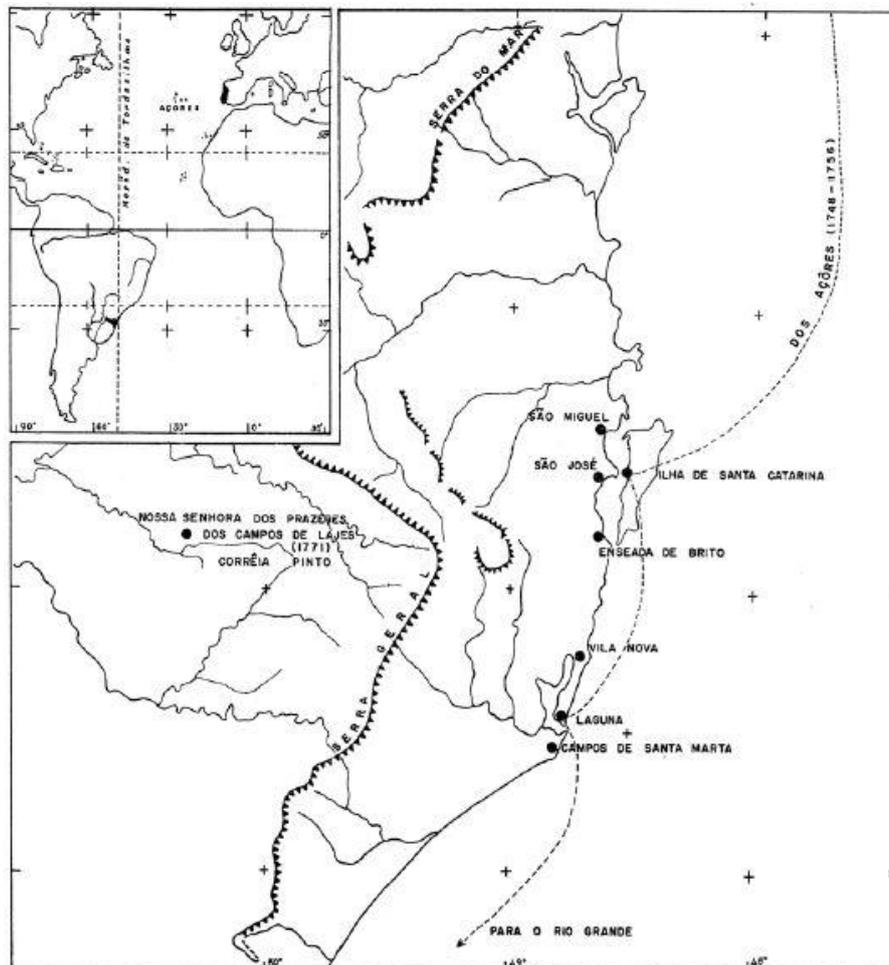


Fig. 05 Tratado de Tordesilhas e fluxo migratório açoriano. Fonte: (CAMPOS, N., CORRÊA, M. e NASCIMENTO, L., 2019).

Toda a comunicação e abastecimento entre as vilas e cidades da colônia eram viabilizados principalmente pela navegação. O Porto de Laguna era o responsável por repassar toda a produção da região para o Rio de Janeiro, além de também haver uma comunicação direta com o Porto de São Paulo. Havia necessidade de abastecer tanto o mercado interno como o externo. A vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna crescia justamente por conta do comércio exportador e distribuidor gerado pelo escoamento das produções e das atividades, possibilitando grande desenvolvimento econômico para a região.

Portanto, a expansão comercial possibilitou o incremento das navegações. Naquele período havia o interesse de se iluminar toda a costa, cuja função cabia tanto aos faróis como aos portos, para garantir o deslocamento seguro das embarcações. O Cabo de Santa Marta era passagem obrigatória para os comandantes que circulavam por essas regiões do Sul. Contudo, tratava-se de uma região temida pelos navegantes, pelo fato de existir um acidente geográfico e uma laje de pedras dentro do mar – chamada de Pedra do Campo Bom – ,em Jaguaruna, município vizinho a Laguna. O deslocamento era difícil e causava muitos acidentes, por isso em 1880, o Ministério da Marinha relatou a necessidade de se construir um farol no referido local, e somente em 11 de junho de 1891 o primeiro fecho de luz foi aceso sobre um promontório no Cabo de Santa Marta.

1.1. O patrimônio histórico, cultural e natural.

Localizado a 20 quilômetros do centro de Laguna, foi inicialmente chamado de Pharol de Santa Marta. Construído com os materiais abundantes da região: pedras, areia, barro e óleo de baleia – retirados do próprio entorno –, teve como mão de obra os moradores das regiões vizinhas, descendentes dos açorianos que desembarcaram no Porto de Laguna. Ergueram a torre e, acopladas a ela, quatro casas que serviam de suporte aos faroleiros e suas famílias (figura 07), os únicos moradores até então. Na década de 1940, outras casas – adjacentes à estrutura inicial – foram construídas para servir de suporte à Marinha do Brasil, responsável pelo conjunto. A inauguração do Pharol representa o momento em que se iniciou a ocupação territorial no Cabo de Santa Marta (figura 06).



Fig. 06 Início da ocupação no Farol de Santa Marta. Fonte: Elaboração própria a partir de material fornecido pela Prefeitura Municipal.

De acordo com Martins (1997), Elizário Patrício – que morava onde hoje se situa o município de Imaruí – foi recrutado para trabalhar na respectiva obra como servente, assim como seu avô, Antônio José da Silva. Durante o período em que estava trabalhando, vislumbrou a fundação de uma pescaria de arrastãoa localidade, e junto com o companheiro de obras, Malaquias Valério, e mais outros que aceitaram embarcar na ideia, resolveram desbravar essa área e estabelecer o negócio. Em uma entrevista feita em 1947 pelo jornalista Manoel José Machado através da revista “Vida Doméstica”, Elizário Patrício – fundador da comunidade – relata como se deu o início da ocupação no Farol:

- Aqui chegamos em primeiro de maio de 1909. Tudo isso era mato. Não morava aqui mais ninguém, a não ser os faroleiros. Quando chegamos, por não termos onde nos abrigar, fizemos uma barraca com a vela da nossa canoa, e aí moramos por muitos dias, até que fizemos um rancho de palhas. Hoje isto está como o senhor vê, todo povoado. Não sei se fiz bem ou mal. (Martins, 1997: 9)

Cada farol possui uma característica específica, tanto na sua estrutura e estética, como no seu fachode luz que era reconhecido pelos comandantes. A parte superior da torre (figura 07), estrutura onde fica a lente, foi projetada pelos franceses *Barbier Bernard e Turenne*, exclusivamente para esse Farol. Com característica bidirecional, possui dois fachos de luz contínuos, sendo que até 1941 funcionava à base de querosene. Cabia ao faroleiro não deixar que nada interferisse na frequência da luz, pois qualquer alteração na tensão da energia elétrica já modificaria suas características, dificultando a orientação daquele que estava em alto mar. “A presença do farol aceso é garantia de que apesar do mar agitado da área do Cabo de Santa Marta, a navegação será tranquila” (Martins, 1997: 141).



Fig. 07 Farol de Santa Marta. Fonte: Acervo próprio, 2020.

Assim como o farol caracteriza-se como patrimônio histórico e cultural, a pesca artesanal também é um patrimônio cultural e imaterial dessa localidade, atividade passada de pai para filho desde a chegada dos primeiros moradores. De acordo com Scofano (2012: 65), “aproximadamente 20 mil pessoas dependem direta ou indiretamente da atividade de pesca no município”. De início, era a única fonte de renda, até pelo distanciamento territorial. Contudo, esse ofício está desaparecendo com o passar dos anos: os próprios pescadores relatam a interferência da pesca industrial na quantidade de peixes que abasteciam o comércio local. Por esse e por outros motivos, como a falta de perspectivas, preferem incentivar os filhos e netos a estudar para seguirem outras profissões.

As próprias embarcações também constituem um legado histórico. De acordo com Sr. Salvador, neto do fundador da comunidade do Farol, “cada embarcação tem a sua história (...) tem a mão de quem fez, de quem pescou, de quem remou” (Demathé, 2012: 117). Demathé, em sua pesquisa, afirma que os naufrágios ocorridos nos séculos passados, e que ainda estão submersos, também podem ser considerados como patrimônios, por ainda estarem vivos na “memória coletiva” local, seja pelas lembranças, histórias orais e

fotografias. “Esses elementos representam as expressões de uma sociedade que se materializa também em seus objetos, que por sua vez indicam um modo de vida passado pertencente a um extrato do tempo” (Demathé, 2012: 164).

O patrimônio natural local, representado por sua paisagem e a relação com seus moradores, é composto por dunas, costões, restingas, pedras, cursos e mananciais de água, é dotado de Áreas de Preservação Permanente e pertence à Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca. Segundo Cittadin (2010), como marca significanteda paisagem, também há a capela do Farol - construída em 1946 (figura 08) -, referência dos valores religiosos e espirituais aos moradores, os quais são devotos de Santa Marta e de São Pedro, caracterizando-se também como patrimônio histórico e cultural da localidade.



Fig. 08 Capela do Farol de Santa Marta. Fonte: Acervo próprio, 2020.

Assim como a capela, outro vestígio que marca a história e a paisagem é a presença dos sambaquis. No Farol de Santa Marta há 3 sítios arqueológicos: o primeiro fica no acesso principal da comunidade, um pouco mais distante do núcleo de moradores; o segundo fica logo no início, na Praia do Cardoso, entre os barracões de pesca e as construções residenciais; e o terceiro está localizado na outra extremidade, próximo à Prainha, em meio à concentração urbana. Esses são os mais antigos registros culturais reconhecidos da comunidade e, assim como a presença indígena e açoriana, ressignificaramo lugar por meio de suas marcas deixadas no território.

A paisagem possui camadas, são como “impressões digitais” que marcam o território e atravessam gerações. Foram esses traços históricos e culturais que guiaram, delimitaram e definiram, mesmo que de forma não intencional, o sentido das ocupações que ocorreram e ainda ocorrem na localidade.

1.2. Evolução urbanística

Decorreram mais de duzentos anos desde a fundação de Laguna até o início da ocupação do bairro Farol de Santa Marta. Nesse período, Laguna passava por algumas modificações urbanísticas. Já possuía um centro e economia consolidados, assim como vinha sendo pressionada com discursos para se modernizar, os quais foram representados pelo plano de trazer o crescimento por meio das ferrovias. A cidade não podia ficar parada no tempo, tinha que entrar no ritmo da velocidade, do movimento. Todavia, contraditoriamente a esse cenário, na outra extremidade do seu território, iniciava-se a construção de um farol e uma vila de pescadores logo seria constituída.

A comunidade de Santa Marta não existia antes do farol; ele foi o impulsionador da vinda dos pescadores. A princípio, fixavam-se somente no período de pesca da tainha, mas alguns anos depois, mesmo sem qualquer infraestrutura, decidiram estabelecer residência nas terras envoltas ao farol. Cercado pelo mar, esse lugar não foi escolhido aleatoriamente, havia um condicionante responsável pela delimitação de quais moradores iriam se estabelecer nelas.

Para os fundadores do Farol, havia uma conveniência em se fixar na região – assim como ocorreu nas primeiras vilas no período colonial, cita Bastos (2014). Com efeito, houve uma “invenção da permanência” na região: a opção por permanecer nessa comunidade estava relacionada à oferta que aquelas terras ofereciam, essencialmente a fartura de peixe, ventos propícios, águas navegáveis e um farol para iluminar.

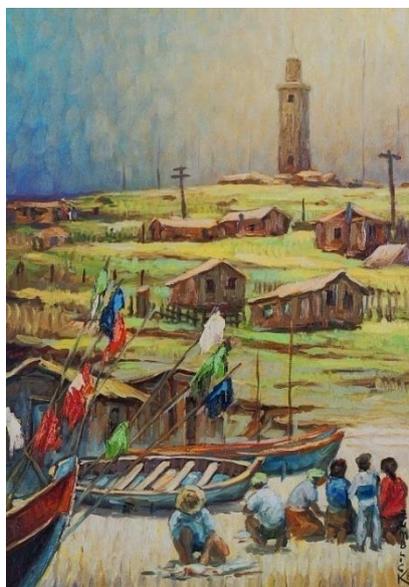


Fig. 09 Farol de Santa Marta representado por Zumblick, 1984. Fonte: <http://acervo.site/masc/acervo/porto-de-laguna/>.

A escolha por parte dos fundadores não foi somente em relação ao sítio, mas também na escolha da localização das casas. Havia um único acesso à localidade, que costeava o Morro do Céu e chegava até uma praia pequena, denominada de Prainha. Era um caminho de difícil acesso, feito por cavalos e mulas, por quem tivesse charrete ou carroça. Ao longo dos anos, esse cenário foi retratado por pintores(figura 09) e fotógrafos, e, por meio desses elementos iconográficos e conversas informais, foi possível fazer uma análise urbanística e patrimonial da evolução da ocupação no território e dos símbolos representativos dessa comunidade.

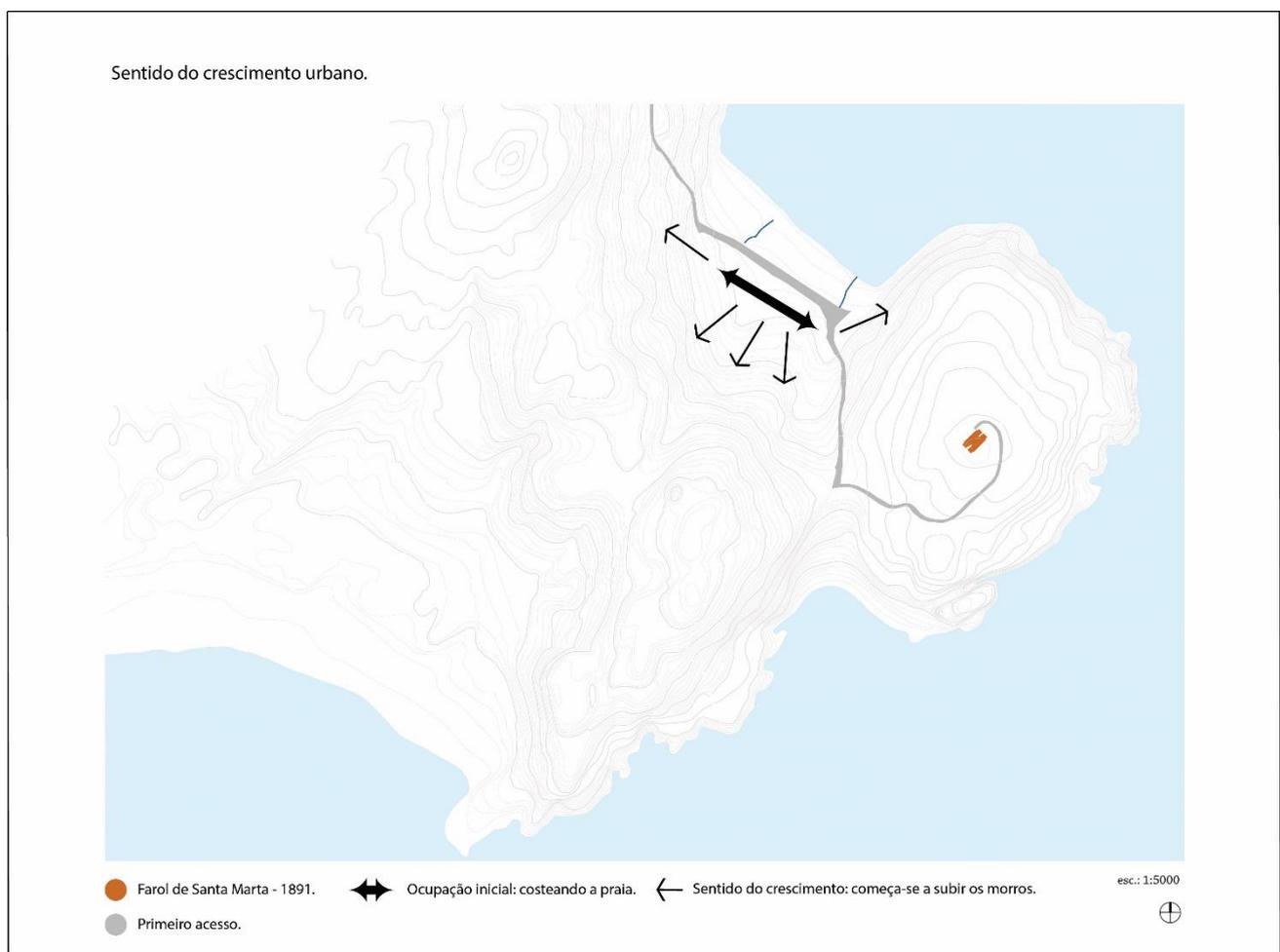


Fig. 10 Análise do sentido do crescimento urbano. Fonte: Elaboração própria a partir de material fornecido pela Prefeitura Municipal.

A ocupação se iniciou na Prainha (figuras 10 e 11), em cima das dunas e o mais próximo possível do mar. De acordo com relatos dos moradores, essas primeiras casas foram construídas elevadas, para que o mar pudesse passar por debaixo das construções. Utilizava-se palha, tanto nas paredes, como na cobertura, lembrando a tipologia das construções indígenas. Verificam-se semelhanças entre as construções dos índios e as dos açorianos encontrados na região sul, assim como de outros hábitos culturais que foram incorporados à cultura, como a rede, os banhos diários, e a produção da farinha (Conceição, 2012). Posteriormente, as casas passaram a ser construídas com madeira: algumas eram provenientes de

carregamentos de embarcações que encalhavam e naufragavam na região, outras vinham das regiões vizinhas.



Fig. 11 Ocupações na Prainha – primeiro núcleo de pescadores (fotografia dos anos 50). Fonte: Restaurante Valdir/Farol de Santa Marta.

A partir do primeiro núcleo de habitação pesqueira, na Prainha, relatos dos pescadores contam que em um certo momento havia um pescador, chamado de Cardoso, que decidiu construir seu barraco de pesca do outro lado do morro, na praia que hoje se chama: Praia do Cardoso. Por conseguinte, outros pescadores se deslocaram e formaram o segundo núcleo de ocupação do Farol (figura 13), mais uma vez costeando a praia e colocando as casas em posição estratégica para facilitar o trabalho da pesca: deslocamento das canoas que saem dos barracões e são transportadas mar adentro por um caminho feito com pedaços de madeira (figura 12). Não havia delimitação de lote e cada um construía a sua casa na posição mais conveniente, sobre a areia ou sobre o morro, com a vista voltada para o mar ou para a via, quando existente.

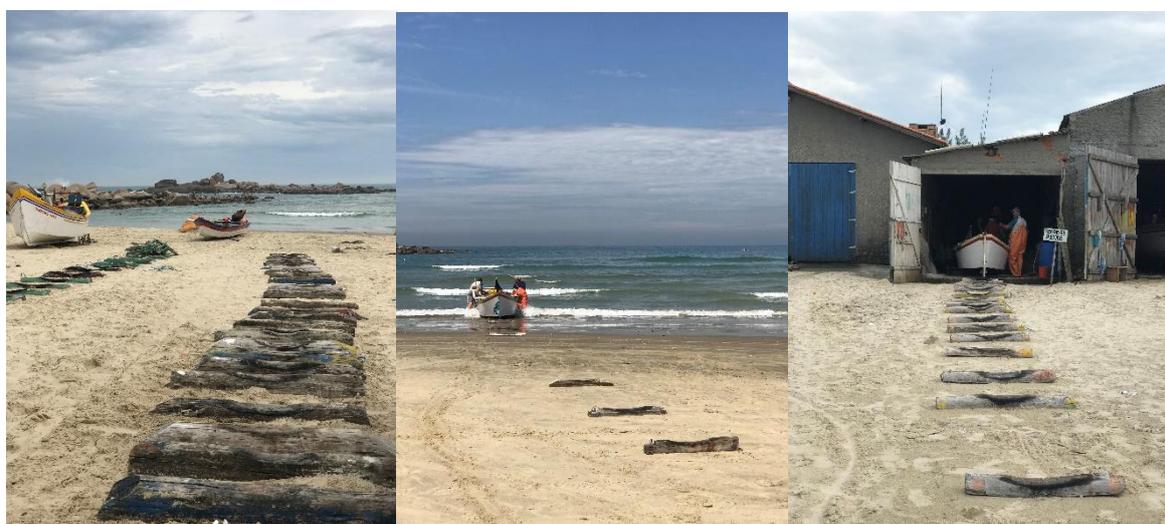


Fig. 12 Barracões de pesca e deslocamento das embarcações na Praia do Cardoso. Fonte: Acervo próprio, 2020.

Logo, atenta-se que os primeiros pontos de ocupação, pelos pescadores, foram às margens das praias, sendo que, inicialmente não havia conectividade entre elas, apenas um promontório coberto por dunas e pedras, que as separavam (figura 13 e 14).

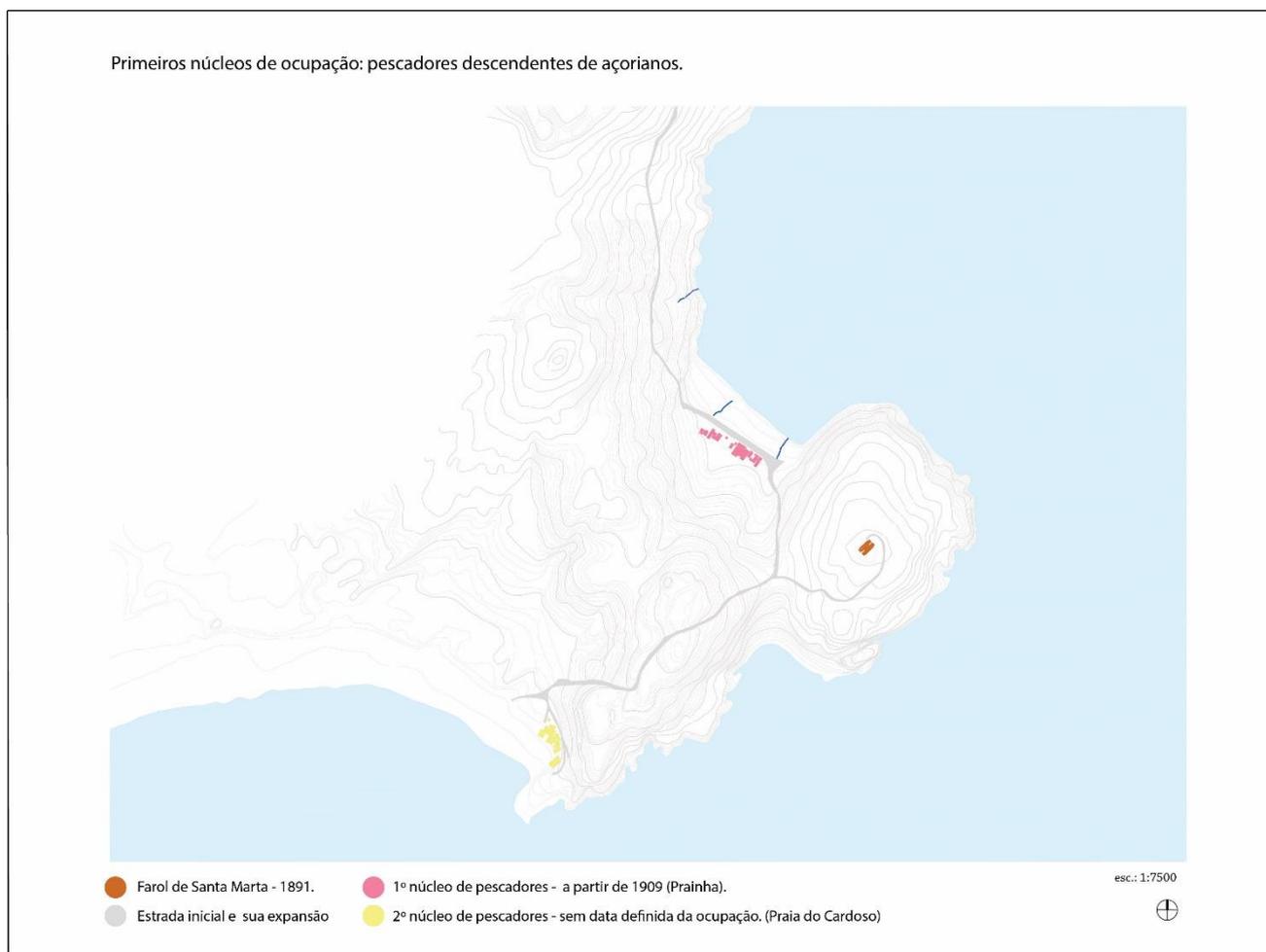


Fig. 13 Núcleos de ocupação pesqueira. Fonte: Elaboração própria a partir de material fornecido pela Prefeitura Municipal.

Em 1947 havia aproximadamente 70 famílias residindo na comunidade do Farol. Nesse período, a paisagem que se via todos os dias era a dos “pescadores com seus apetrechos de pesca e embarcações” (Martins, 1997: 79). A partir dos anos 50, percebe-se uma ocupação entre as praias, na parte mais elevada da região começando, assim, um espraiamento das ocupações e um novo entidade crescimento (figuras 14 e 15). Pelas respectivas imagens, identifica-se o prolongamento da primeira via de acesso, chegando à Praia do Cardoso. Destarte, a ocupação territorial da localidade foi crescendo, de maneira aleatória e desordenada, se analisada de forma superficial. O farol era o único fecho de luz, as embarcações eram a remo e as casas,

pequenas, simples e térreas, posicionavam-se quase dentro do mar e estavam próximas do único acesso terrestre que existia.



Fig. 14 Ocupações entre praias (década de 50 e década de 70). Fontes: Restaurante Valdir e Ong Rasgamar.

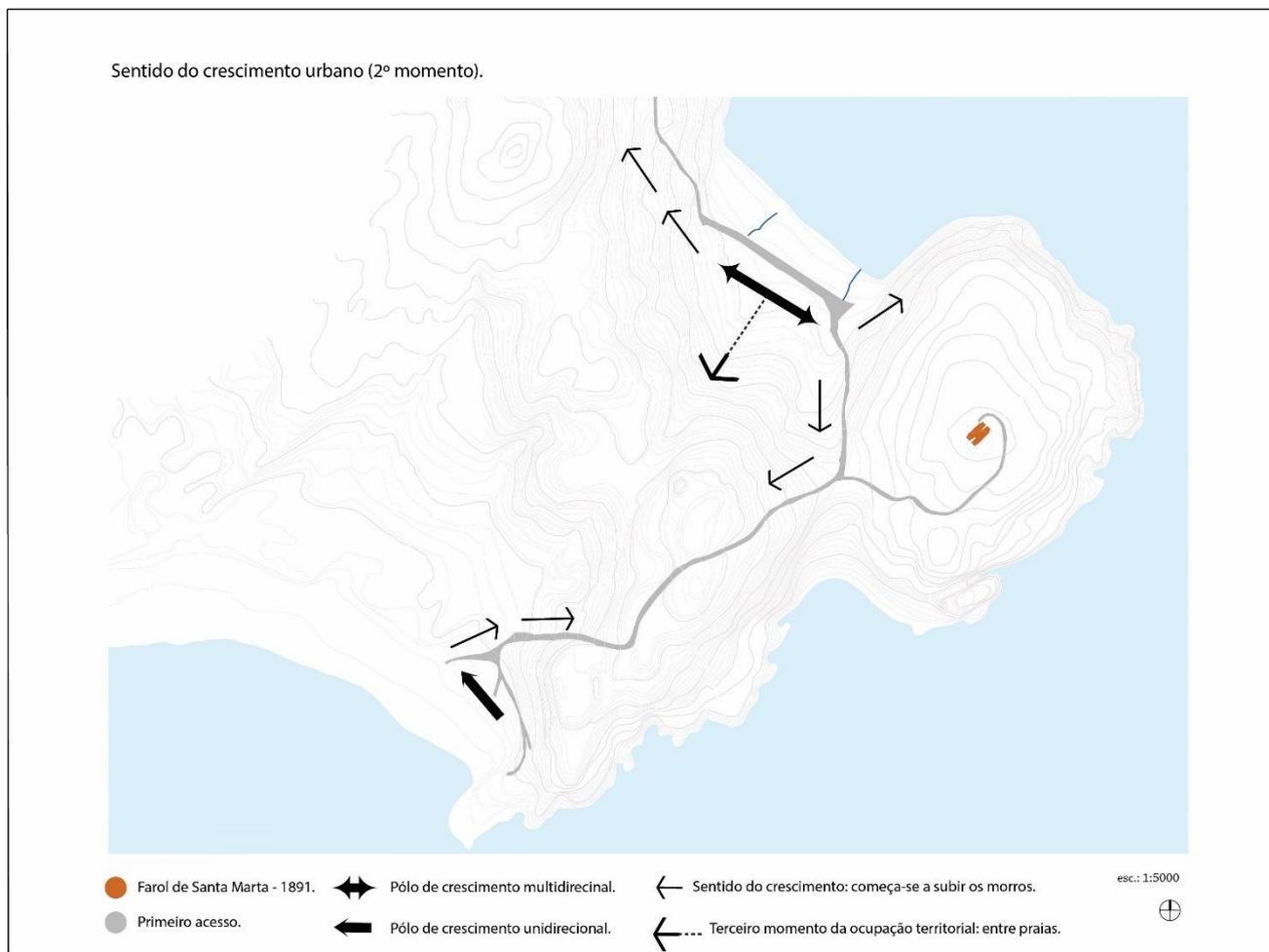


Fig. 15 Segundo momento da expansão urbanística. Fonte: Elaboração própria a partir de material fornecido pela Prefeitura Municipal.

1.3. O Turismo

A partir dos anos 70 os turistas descobriram o Farol, atraídos pelas belezas naturais, pela cultura da comunidade, pela história, por uma visita ao patrimônio histórico e pelos símbolos da paisagem original, os quais são imagens representativas desse sítio. Nesse mesmo período, ainda não existia cerca delimitando o terreno do farol e a visita ocorria sem necessidade de agendamento. Mesmo sem essa limitação, a Marinha conseguiu manter um perímetro de proteção e distanciamento das casas que estavam começando a tomar conta do seu entorno (figura 16).

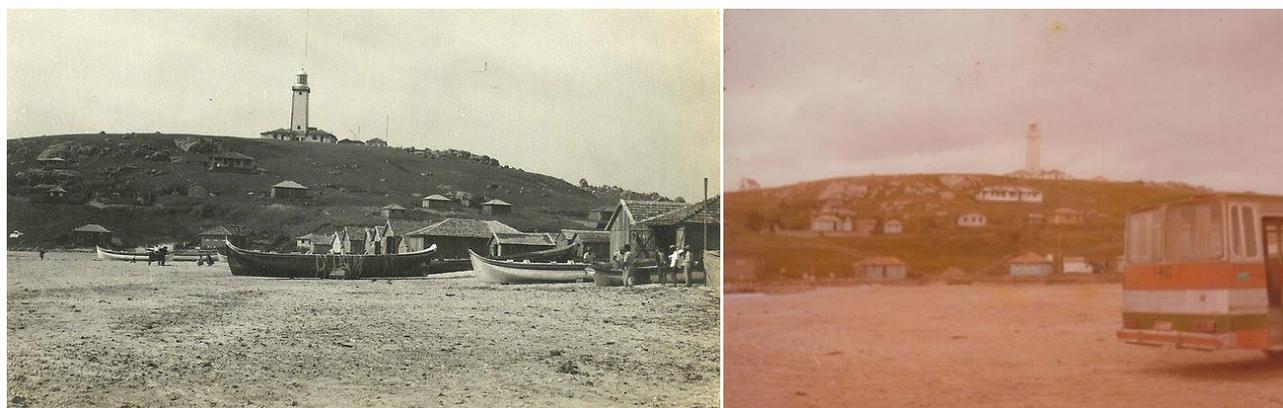


Fig. 16 Evolução das construções no entorno do farol – décadas de 60 e 80. Fonte: <http://postsabeiramar.blogspot.com/2013/06/o-cabo-da-santa-marta-e-o-maior-farol.html> e Suboficial Alberto Rabelo Bernardo (Encarregado do Radiofarol de Santa Marta).

A partir de então, a imagem do inóspito começa a se alterar, dando início a outra ocupação: a dos turistas que, encantados com a região, decidem alugar casas na temporada ou comprar terrenos na região. Os moradores perceberam um fluxo de pessoas diferentes dentro da comunidade e passaram a alugar as suas próprias casas. Como esse movimento se tornou algo constante, principalmente no verão, os nativos começaram a construir, no próprio terreno de suas residências, outras acomodações.

Dessa forma, o turismo se tornou uma nova opção de sobrevivência aos moradores, tendo em vista que a pesca industrial havia gerado um impacto significativo na principal atividade econômica da comunidade: a pesca artesanal. Os turistas chegaram atraídos pelas praias, pela paisagem, pelo farol, pelos pescadores, pela história, gerando novas oportunidades, como o aluguel de temporada e o comércio, o qual atendia tanto aos moradores como aos turistas.

Em 1997, Martins conseguiu agrupar alguns dados sobre a localidade, e para se ter uma noção do crescimento e da ocupação populacional, em janeiro de 2020 foi possível reunir algumas dessas mesmas informações mais atualizadas (Tabela 01):

	1997	2020
Habitantes	1.500	•
Construções	701	805 (com 187 terrenos baldios)
Lotes	860	•
Comércio	22	40
Ligações de Luz	331	776

• Dados não precisos, até o momento.

Tabela 01 Análise da evolução do adensamento territorial. Fonte: Elaboração própria a partir de dados disponibilizados por órgãos públicos e por Martins (1997).

As informações atuais são preliminares, tendo em vista que a pesquisa ainda se encontra em andamento. Contudo, já é possível fazer algumas considerações: conforme análise da evolução do adensamento territorial, as ocupações ocorreram de maneira irregular, em sua maior parte. Dentre os dados analisados, há uma incompatibilidade entre o número de construções com o de ligações de luz. Segundo os dados disponibilizados pela CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina –, empresa concessionária do setor de energia elétrica local, em janeiro de 2020, há registro de 776 ligações de luz, ou seja, em relação aos 23 anos anteriores, esse dado mais que dobrou. Se comparado à quantidade de construções registradas em 2020 pela Prefeitura Municipal no mesmo mês, por meio da relação de IPTU – Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana – do respectivo bairro, os dados não são coerentes com a expansão relatada pela CELESC. Outra informação relevante é o crescimento na quantidade de comércios, mostrando assim, a relação com o turismo e a busca por outras alternativas econômicas. Segundo os próprios comerciantes, o turismo se tornou a principal atividade rentável para os moradores.



Fig. 17 Adensamento populacional – séc. XX e séc. XXI. Fontes: <https://apedraeofarol.blogspot.com> acervo próprio, 2020.

O patrimônio histórico, cultural e natural são os principais fatores que propiciam a vinda dos turistas (Bonetti, 2011), mas se percebe a necessidade de planejamento e gestão sustentáveis capazes de garantir uma organização territorial a fim de evitar consequências como as que já estão ocorrendo: o turismo predatório, o adensamento populacional (figura 17 e 19), ocupações irregulares e desordem urbanística (figura 18), áreas de preservação ocupadas, destinação incorreta do lixo e do esgoto, poluição da fauna e flora, contaminação das praias, além do desaparecimento dos sambaquis e da cultura e identidade açorianas.

As atividades turísticas na região iniciaram nos anos 50, tendo se intensificado nos anos 70, a partir da construção da BR-101 e progressiva integração da área à rede urbana do sul do Brasil. Hoje, Laguna e a região do Farol de Santa Marta encontram-se entre as cidades que têm, no turismo de balneário, uma de suas atividades econômicas principais. Com diferentes graus de intensidade, toda a faixa costeira da região tem experimentado intensas transformações a partir do crescimento urbano e da exploração turística, na maioria das vezes comprometendo o meio ambiente, a paisagem e as estruturas urbanas preexistentes. (Bonetti, 2011: 124)

Ocupações contemporâneas e açorianas.



Fig. 18 Ocupações – Início do séc. XXI. Fonte: Elaboração própria a partir de material fornecido pela Prefeitura Municipal.



Fig. 19 Praia e o Farol de Santa Marta 2020. Fonte: Rafaela Bins, 2020.¹

1.4. Conclusão

Este estudo buscou a compreensão da configuração espacial do bairro do Farol de Santa Marta e o entendimento se as características culturais dos antepassados influenciaram no seu modo de ocupação. Por meio da análise histórica, tanto pelas bibliografias quanto pelos documentos e imagens, foi possível verificar a importância do traço ancestral para a constituição da paisagem dessa comunidade. Os povos de sambaqui e dos açores influenciaram a configuração paisagística dessa comunidade. A forma de ocupação foi determinada pela cultura e identidade desses primeiros moradores, os quais tinham, e ainda têm, uma relação direta com o mar e com os alimentos provenientes dele.

Com os elementos iconográficos e as análises apresentadas no trabalho, apreendeu-se que os primeiros moradores – descendentes açorianos – instalavam suas casas o mais próximo possível do mar, acredita-se que por conveniência, a fim de facilitar o transporte e o trabalho com a pesca artesanal – patrimônio cultural imaterial do povoado. Logo, os primeiros núcleos de ocupação foram determinados, mesmo que inconscientemente, pelos seus costumes, sua cultura e identidade açoriana.

Ademais, as colinas desambaguais presentes no território foram delimitadores dessa ocupação territorial e auxiliaram na indução e na escolha do posicionamento das moradias. Contudo, com o aumento da densidade populacional, ao longo dos anos, casas começaram a invadir a área de preservação patrimonial, onde se situam alguns desses sítios arqueológicos, os quais também passaram a ser usados de forma clandestina para a pavimentação de estradas.

¹Foto capturada, com drone, e editada pela fotógrafa Rafaela Bins, em janeiro de 2020.

A chegada e a descoberta dessa terra rica em pescado foi possível devido à construção do Farol pela Marinha do Brasil. Este patrimônio histórico é de grande relevância para a história e cultura local, pois além de viabilizar a segurança dos pescadores e dos marinheiros, foi o agenteimpulsionador do surgimento dessa comunidade, centrada na pesca artesanal.

O legado açoriano concentra-senas próprias pessoas, nos seus “modos de fazer”, na tradição pesqueira, na culinária, na carpintaria naval, no seu cotidiano – seja em terra, seja em alto mar – guiados pelo farol. Por muitos anos, eles viveram isolados, com pouco contato externo, preservando ao longo das gerações os seus costumes, “passados de pai para filho”. Foram seus hábitos, seus conhecimentos e suas tradições que guiaram as decisões tomadas nesse lugarejo.

Tal postura indica que a ocupação não ocorreu de maneira espontânea como se acredita, havendo uma intenção bem delimitada tanto na construção do Farol, pela Marinha, quanto na escolha do núcleo açoriano das primeiras povoações que se instalaram nessa comunidade.

Esse contexto da paisagem exuberante e da tradição açoriana foram responsáveis por atrair os turistas para a região, deixando assim de ser uma comunidade “isolada”.

Ante o exposto, há uma compreensão da paisagem que contempla a relação da cultura e da identidade com as transformações geradas pela sobrevivência desses pescadoresao longo dos anos. A configuração espacial possui características marcadas pelos sambaquis e por uma ocupação açoriana, esta queconduziu aum urbanismo contemporâneo centrado em bases do passado. Logo, ter a consciência dessa história e da contribuição dela para a paisagem atualé imprescindível para os próximos passos dessa pesquisa: verificar a oscilação do turismo a partir da década de 1970, examinar o adensamento territorial e relacionaro desenvolvimento morfológicourbanístico desde a pré-história até a pós-modernidade,a fim de estabelecer diretrizes capazes de conduzir o turismo predatório a um turismo sustentável, com o propósito de preservar o patrimônio histórico, cultural e natural, por meio do reconhecimento da memória local.

1.5. BIBLIOGRAFIA

1.4.1. *Obra completa*

BASTOS, Rodrigo. (2014). *Arte do Urbanismo Conveniente: o decoro na implantação de novas povoações em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII*. Florianópolis: Editora da UFSC.

BONETTI, Taciana Medeiros. (2011). *Discutindo a Gestão Urbana de Áreas Costeiras: o caso do Farol de Santa Marta/Laguna-SC*. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

CITTADIN, Ana Paula. (2010). *Laguna, Paisagem e Preservação: o patrimônio cultural e natural do município*. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

DEMATHE, Alexandre. (2014). *Entre sambaquis, redes e naufrágios: arqueologia costeira no Parque Arqueológico do Sul (SC)*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

FARIAS, Vilson Francisco de. (1998) *Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo: povoamento, demografia, cultura. Açores e litoral catarinense: um livro para o ensino fundamental*. Florianópolis: Ed. do autor.

LUCENA, Liliame M. F. (1998) *Laguna: de ontem a hoje – espaços públicos e vida urbana*. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

MARTINS, Celso. (1997). *Farol de Santa Marta: a esquina do Atlântico*. Florianópolis: Guarapuvu.

SCOFANO, Guilherme Butter. (2012). *A elaboração de planos de gestão da paisagem cultural brasileira como subsídio à proteção do patrimônio arqueológico: o caso da “Ilha de Laguna” - SC*. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ULYSSEA, Saul. (1943). *A Laguna de 1980*. Florianópolis: IOFSC (Imprensa Oficial de Santa Catarina).

1.4.2. Capítulo de livro

CAMPOS, N., CORRÊA, M. e NASCIMENTO, L. (2019). *Povoamento vicentista e açoriano-madeirense*. (55-69). Florianópolis: Editora UDESC.

ROHR, João Alfredo. (1976). *A pré-história da Laguna*. In: *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: Seus valores históricos e humanos. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de fundação (13-50)*. Laguna: IOESC.

1.4.3. Revistas

CONCEIÇÃO, M. L. (2012). *La arquitectura absorbida en la isla de Santa Catarina, Brasil*. *Revista de Estudios sobre Patrimonio Cultural*, 25 (2), 200 - 2019.

1.4.4. Fontes eletrônicas

<http://acervo.site/masc/acervo/porto-de-laguna/> (consulta: 09/01/2020).

<https://apedraeofarol.blogspot.com> (consulta: 18/11/2019).

<http://sosfaroldesantamarta.blogspot.com/010/04/blog-post.html> (consulta: 30/10/2019).